

# **“Olha, mamãe, uma empregada bebê!”<sup>1</sup>: memórias, reflexões e confluências sobre imagem, representação e existência negra na contemporaneidade<sup>2</sup>**

Emerson Silva Caldas<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca refletir sobre imagem, representação e existência negra. Por isso, parte das epistemologias negras da diáspora africana em confluência com as memórias de uma autoetnografia escrita por um pesquisador negro na Amazônia paraense. Com base naquilo que o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), define como palavras germinantes; confluências, afro-confluências e compartilhamentos. Deste modo, os compartilhamentos se estabelecem através de memórias negras da infância/adolescência e os saberes de intelectuais negras/os, como Stuart Hall (2016), e suas propostas de contra-estratégias de representação, Zélia Amador de Deus (2008), e as herdeiras/os de Ananse, bell hooks (2019), e o Olhar Opositor, assim como as contribuições de Audre Lorde (2019), James Baldwin (2020), dentre outras. Considerando a importância de construir reflexões sobre as questões que envolvem a imagem e a representação negra no mundo contemporâneo em diferentes territórios, contextos políticos, culturais e sociais. Assim como os impactos diretos que as imagens e representações possuem nas relações cotidianas, na psique e na existência de pessoas negras. Sendo assim, ao trazer esses debates e reflexões, é possível compreender de forma mais ampla estes fenômenos, e a partir disso, criar estratégias e possibilidades para manutenção das vidas negras.

**Palavras-chave:** Confluências; Imagem; Representação; População negra; Racismo

---

<sup>1</sup> Trecho do livro ‘Irmã outsider’ de Audre Lorde (2019).

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>3</sup> Mestrando no PPGArtes - UFPA. Cientista Social - UEPA, pesquisa na área de Arte e Antropologia. Integrante do Coletivo Ilustra Pretice, do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), e da Sala Arthur Leandro Táta Kinamboji de Ensino, Arte e Cultura Afro-Amazônica da Faculdade de Artes Visuais - UFPA. Email: emerson.caldas@ica.ufpa.br.

## **“Look, mommy, a baby maid!”: memories, reflections and confluences on image, representation and black existence in contemporary times**

**Abstract:** This work seeks reflection on image, representation and black existence. Therefore, it starts from the black epistemologies of the African diaspora in confluence with the memories of an autoethnography written by a black researcher in the Amazon of Pará. Based on what the quilombola master Antônio Bispo dos Santos (2023), defines as germinating words; confluences, afro-confluences and sharing. In this way, sharing is established through black memories of childhood/adolescence and the knowledge of black intellectuals, such as Stuart Hall (2016), and his proposals for counter-strategies of representation, Zélia Amador de Deus (2008), and the Ananse heirs, bell hooks (2019), and Olhar Opositor, as well as the contributions of Audre Lorde (2019), James Baldwin (2020), among others. We emphasize the importance of building reflections on issues involving black image and representation in the contemporary world in different territories, political, cultural and social contexts. As well as the direct impacts that images and representations have on everyday relationships, on the psyche and on the existence of black people. Therefore, by bringing these debates and reflections, it is possible to understand these specifications more broadly, and from this, create strategies and possibilities for maintaining black lives.

**Keywords:** Confluences; Image; Representation; Black population; Racism

## **Abrindo caminhos**

Este trabalho busca refletir sobre imagem, representação e existência negra no mundo contemporâneo. Com o intuito de compreender as significações e influências das imagens no imaginário social e nas relações cotidianas da população negra. Para tanto, tenho como ponto de partida as epistemologias negras da diáspora africana em confluência com minhas memórias narradas através de um relato autoetnográfico. Desta forma, no sentido de localização geográfica, territorial e política, meu corpo negro está situado na Amazônia paraense. E minhas memórias estão ancoradas na infância e adolescência vividas na periferia de Ananindeua, na Comunidade Nova Esperança, na região metropolitana da capital paraense, Belém do Pará.

Além disso, este texto tem como base partes de meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, na Universidade do Estado do Pará, no curso de Ciências Sociais. Sob o título “Kuumba e artevivência de artistas negros e negras: um estudo afrocentrado a partir do coletivo Ilustra Pretice PA”, no qual abordo questões referentes às movimentações de artistas negras/os paraenses em Belém do Pará e suas produções artísticas, poéticas e políticas.

Desta forma, tomo como princípio aquilo que o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), define como palavras germinantes; confluências, afro-confluências e compartilhamentos. Sendo assim, os compartilhamentos se estabelecem através de minhas memórias negras da infância/adolescência e os saberes de intelectuais negras/os, como Stuart Hall (2016), e suas propostas de contra-estratégias de representação, Zélia Amador de Deus (2008), e as herdeiras/os de Ananse, bell hooks (2019), e o Olhar Opositor, assim como as contribuições de Audre Lorde (2019), James Baldwin (2020), dentre outras.

Desta maneira, além desta introdução, o trabalho está dividido em mais três partes; na seção ‘Se o povo te impressionar demais/É porque são de lá os teus ancestrais’, título que faz referência à letra da música ‘Samba dos Ancestrais’ de Martinho da Vila, do ano de 1985, nesta parte do texto apresento memórias e reflexões relacionadas aos meus contatos com as imagens desde a infância até a adolescência. Seguindo para a seção ‘Imagem e representação da população negra’, na qual busco dialogar com as epistemologias negras da diáspora negra-africana para compreender as questões relacionadas à imagem e representação negra em sua perspectiva social, cultural, psicológica e política. E por fim, as ‘Considerações finais’.

## **“Se o povo te impressionar demais. É porque são de lá os teus ancestrais”<sup>4</sup>**

Sozinho em meu quarto, durante minha infância e pré-adolescência, entre os anos de 2005 a 2010, estendia meus braços à frente de meu corpo e analisava aquilo que via, questionando: “Sou negro? Sou marrom? Sou moreninho? Sou negão?”. Eu era bem criança e ficava encucado com isso. E vez ou outra, os meus braços estavam estendidos para essa reflexão.

Observava minuciosamente o tom de minha pele, era mais pro lado do papai e eu pensava: “Ah, mas e se a mamãe tivesse casado com um homem mais claro, um branco... de que cor eu seria?”. E já era o danado do racismo bagunçando a minha mente: “Não, não precisava ser branco. Mas eu poderia ser mais claro. Ou só o cabelo liso. Os lábios mais finos. Os olhos azuis. Os cabelos loiros”, ecoavam em minha mente essas indagações. Eu almejava a brancura e sofria. Achava que não tinha tido sorte. Olhava meus irmãos um pouquinho mais claros do que eu, cabelos lisos ou não tão enrolados quanto o meu e queria pelo menos isso.

“Negão”, a mamãe me chamava, eu lembro. E era com carinho. Mas hoje em dia, não qualquer um que eu deixo me chamar de negão. Escuto o tom da voz e observo a expressão. Concordo com a antropóloga Lélia Gonzalez quando ela diz que preto tem que ter nome e sobrenome ou os brancos irão nos definir da maneira que bem entenderem (SILVA e ALMEIDA, 2020). Antes de ser o negão, neguinho ou moreninho. Sou o Emerson Caldas.

Não tinha como fugir da pele que reveste meu corpo negro, os traços e cabelos. Eles estavam ali comigo. Ainda estão e constituem a minha imagem. A forma como sou visto. Sou uma pessoa negra e isso tem um impacto na minha experiência no mundo. É desta perspectiva que também escrevo sobre a imagem e a representação negra, através dessas experiências vivenciadas no corpo.

Nestes conflitos entre a experiência de meu corpo negro com as imagens, recordo aqui da adolescência com a pressão na busca por aceitação e a tentativa de enquadramento nos padrões, com o auge das redes sociais e os filtros. E lá estávamos eu e uma amiga negra, fazendo de tudo para alterar nossas imagens: “Olha aí, eu tô

---

<sup>4</sup> Trecho da Música “Samba dos ancestrais” de Martinho da Vila. Ano: 1985. Composição: Martinho da Vila e Rosinha Valença.

branco? Eu quero um filtro que me deixe branco”, eram horas editando as fotos para criar uma imagética que rompesse com o que nós realmente éramos. Pura frustração. Permanecemos negros. Ainda bem.

Neste mesmo período, na adolescência de filtros e redes sociais, ocorreu um evento relacionado à negritude na escola onde eu estudava. E mais uma vez o estalar da consciência da negritude. As organizadoras colocaram várias máscaras africanas como decoração na entrada do auditório, eu e minha amiga ficamos curiosos. E de repente a escola estava cheia delas, mulheres negras de um lado para o outro.

Elas usavam turbantes, o olhar carregado de segurança, elas pareciam saber quem eram e isso estava refletido em suas roupas e na forma como agiam. “Quem são elas?”, me perguntava. Eu e minha amiga observamos calados. Decidimos entrar no auditório junto delas. O evento iria durar alguns dias e no momento que adentramos estavam exibindo documentários relacionados às temáticas das questões raciais. Assistimos calados. Depois levantamos e não lembro se conversamos sobre.

Mas sei que com o passar do tempo, já não estávamos mais presos aos filtros e aos potes de cremes capilares usados nos cabelos para mudar o aspecto de nossos fios enrolados. Descobri depois que algumas daquelas mulheres negras que vi, eram do CEDENPA, o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará que agora também faço parte, e o evento foi organizado pelo NEAB, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Instituto Federal do Pará. Tudo isso me faz lembrar a educadora Nilma Lino Gomes (2017), quando afirma que o Movimento Negro em suas pluralidades de ações, é um educador.

Usando os termos da filósofa Aza Njeri (2020), o racismo e o Monstro Genocídio com seus tentáculos me estilhaçaram desde muito cedo; o sistema branco ocidental tinha um combinado que era o de me matar, mas como diz a escritora Conceição Evaristo combinei com minha comunidade negra de não morrer. Ainda estamos aqui. Vivas. Como afirma a artista vinicius da silva<sup>5</sup>:

Estamos vivas. Isso é um fato, uma constatação. Estamos vivas porque nossas ações são barricadas e porque não vamos morrer agora, mesmo que tenhamos morrido a cada dia e cada vez mais. Estar viva no Brasil é, portanto, um grande feito. E somos grandes, temos sido gigantes e imensas, tudo e nada, o chão e o ar que dissolve nossa pele. Para anunciar o fim do mundo, precisamos estar vivas, com os pés fincados no chão que nos deu à luz para

---

<sup>5</sup> O nome da artista e pesquisadora vinicius da silva é grafado em letras minúsculas

finalmente proclamar: somos muitas e viemos roubar os sonhos de quem não nos deixa sonhar. (p. 28, 2021).

Por isso, eu olho para trás fazendo o movimento de Sankofa, pois sei que nunca é tarde demais para voltar e pegar aquilo que esqueci. Recolho os cacos estilhaçados para reconstrução de meu ser negro. Nas minhas memórias habitam histórias do que observei, vivi e senti. Fecho os olhos e vejo a imagem de um rio. Um rio de ouro. Rio dos pretos e indígenas, meus ancestrais. Nas margens desse rio, há resistência. Rio Gurupi, na divisa do Pará com o Maranhão. Lugar onde Agostinho Caldas fundou no período colonial, os quilombos de Itamoari, Bela Aurora e Camiranga (HURLEY, 1928). É neste território de rios, florestas, águas, animais e pessoas que nasceram meus familiares. Reafirmando que sim, a Amazônia, também é negra.

Minha bisavó, Maria Caldas, ainda miúda, também se banhou nas águas do rio Gurupi, águas que banharam meu pai e minha mãe. Lembro de meu avô, Manoel Rosário que tinha o apelido de Cachoeira, e pelas águas daquele rio, navegava de canoa e pescava. Essas águas sempre estão em meus sonhos. Engraçado, pois não sei nadar. Naquelas águas quando menino mergulhei. Me afoguei. Aquelas águas hoje, distantes de mim e de meus irmãos. Águas que não poderiam deixar de estar aqui, pois são as imagens e memórias dessas águas que fluem no meu caminhar. Águas que sempre irei saudar.

Mergulho no rio e não sei nadar. Me afogo. Estou sonhando e acordo. Leio textos, vou em marchas do Movimento Negro, em festas pretas aqui em Belém do Pará. Converso com outras pessoas negras. Leio e assisto as notícias. Minha mente pesa. Vem as lembranças e as imagens dançam em minha cabeça. Sou criança e estou na casa de uma amiga da minha mãe. E ela vai me dar aulas de reforço de matemática. É uma mulher negra e mais escura do que eu.

Entro na casa e vejo imagens, esculturas, molduras na parede, mulheres negras africanas esculpidas, eram várias; anjos negros e quadros com pessoas negras desenhadas. Fico aflito e impactado com essas imagens. Nunca tinha visto nada assim. Sobre quem são essas imagens? São sobre mim? Me questiono ao observar a sala da casa daquela mulher negra. Estou impressionado com tudo isso. Meu corpo sente. Sinto vontade de chorar e não sei nada de matemática da sexta série. E observo a imagem de uma mulher negra no quadro, com as frases em inglês e português:

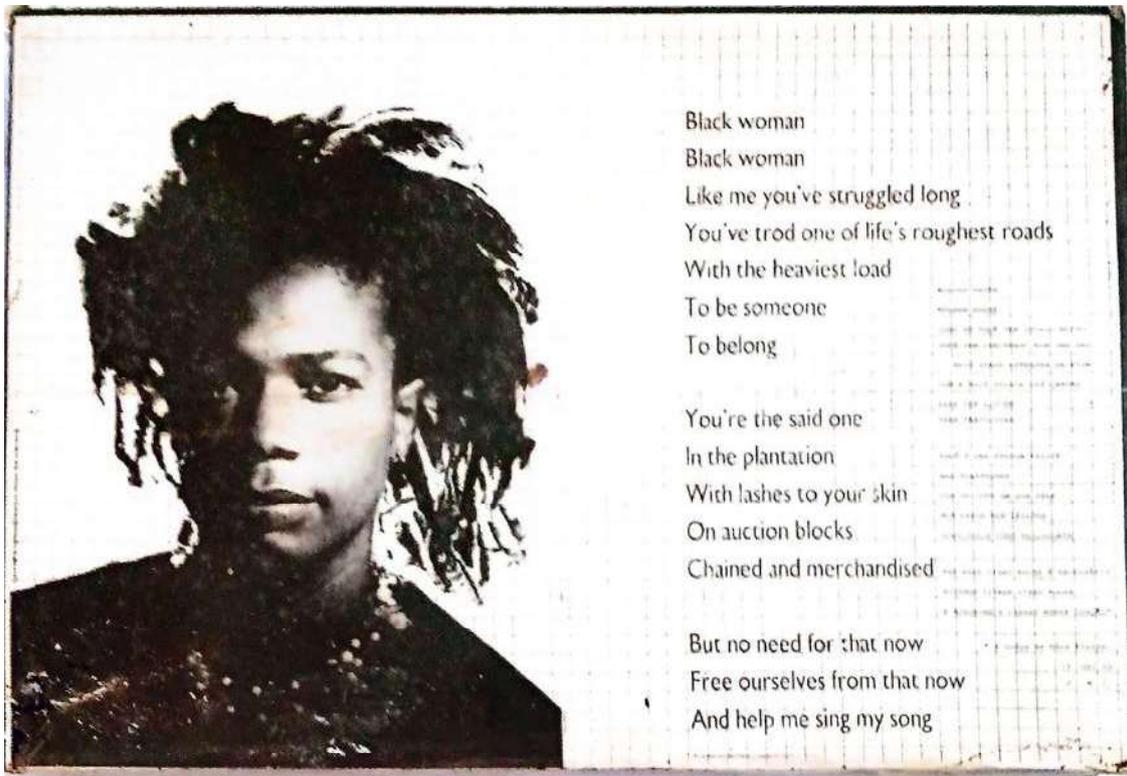
Black woman

Black woman  
Like me you've struggled long  
You've trod one of life's roughest roads  
With the heaviest load  
To be someone  
To belong  
You're the said one  
In the plantation  
With lashes to your skin  
On auction blocks  
Chained and merchandised  
But no need for that now  
Free ourselves from that now  
And help me sing my song

MULHER NEGRA  
MULHER NEGRA  
COMO EU VOCÊ TEM LUTADO MUITO  
VOCÊ TEM CAMINHADO POR UMA DAS MAIS DURAS ESTRADAS  
DA  
VIDA  
COM A MAIS PESADA DAS CARGAS  
PARA SER ALGUÉM  
PARA PARTICIPAR  
VOCÊ É UMA PESSOA TRISTE  
NAS PLANTAÇÕES  
COM CHICOTE EM SUA PELE  
NOS CEPOS DOS LEILÕES  
AGRILHOADA COMO MERCADORIA  
MAS NADA DISSO AGORA É NECESSÁRIO  
ESTAMOS LIVRES DISSO AGORA  
E AJUDA-ME A CANTAR MINHA CANÇÃO

Lembro exatamente dessa imagem da mulher negra no quadro, pois ela ficou em minha memória, mas não recordava dos textos. Atualmente, sou amigo da filha da amiga da minha mãe. E recentemente mandei mensagem para minha amiga perguntando sobre a imagem em questão e se ainda estava na casa delas. Ela me respondeu que sim e enviou fotos do quadro (figura 1).

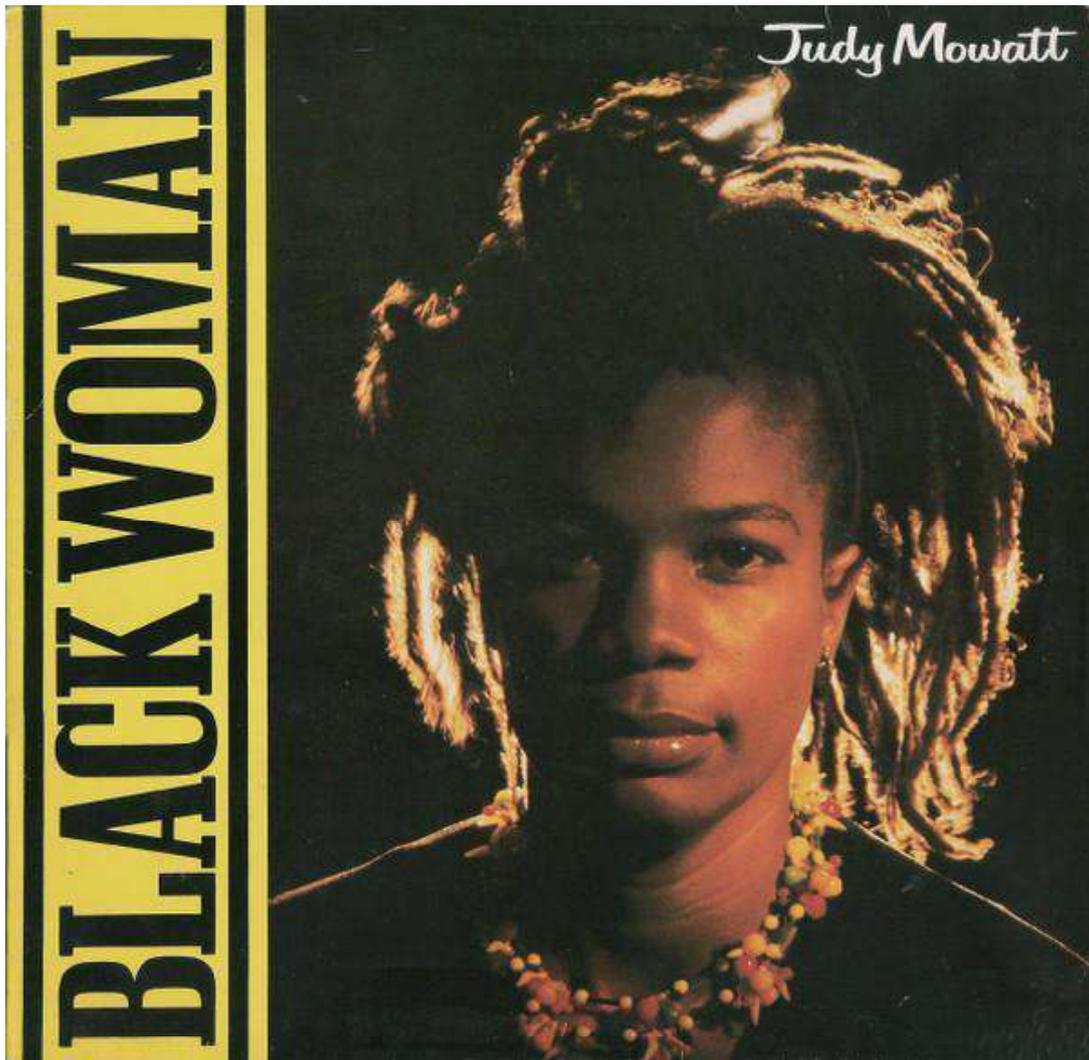
Figura 1 – Quadro com a foto de Judy Mowatt e a letra da música ‘Black Woman’



Autora do registro: Moara Neves

Analisando a imagem e buscando mais informações, descobri que a pessoa representada na imagem é a cantora de reggae Judy Mowatt e o texto traz os trechos em inglês e a tradução em português da música ‘Black Woman’ de 1978, do álbum de mesmo nome. Na capa do disco há uma fotografia feita pelo fotógrafo Dennis Morris. Na qual, Judy Mowatt aparece com um olhar que encara o espectador: ela usa brincos e um colar, seus cabelos endredados estão armados para trás, o jogo de luz e sombra utilizado pelo fotógrafo faz com que apenas o lado direito de seu rosto esteja tomado pela luz e o esquerdo pela sombra (fig. 2).

Figura 2 – Capa do álbum Black Woman de Judy Mowatt



Autor: Dennis Morris

Ver essa fotografia e as outras imagens na sala daquela casa, criaram em minha mente um desses estalos de consciência negra que vamos tendo no decorrer do processo de entendimento da negritude. Essas imagens negras ainda estão aqui, elas são potentes e me ajudaram a percorrer as duras estradas da vida para ser alguém e participar, como diz a letra da canção de Judy Mowatt. Me ver em outros corpos negros, em cada sorriso, gesto e olhar, diria o poeta Hermógenes Almeida (1998).

Sentir e vivenciar experiências com o povo preto em movimento. Com a minha cultura que é o meu próprio sistema imunológico, como nos ensina a antropóloga Marimba Ani (1994). A imagem negra, a representação do ser negro, tudo isso é poderoso. A maneira como observo, percebo e sinto outro corpo negro, o meu próprio

olhar sobre quem sou, as interações estabelecidas nesse processo, influenciando cada aspecto de meu viver.

A experiência da vida negra em sua complexidade, para além apenas do meu sentir, mas em cada corpo negro carregando em si um baú de histórias cheio de riquezas como as de Ananse, que nos fala Zélia Amador de Deus (2008). Neste texto, ao tratar de imagem e representação da população negra, iniciei voltando para meu olhar de criança e adolescente negro que já observava o mundo, buscando respostas para todas aquelas marcas de violências deixadas pelo então inominável, racismo.

### **Imagem e representação da população negra**

O sociólogo Stuart Hall (2016) aponta que a representação possui uma relação intrínseca com a linguagem e a cultura, pois ela se utiliza da linguagem para expressar e representar algo às pessoas. É válido lembrar, que ao falarmos em linguagem consideramos também os signos e as imagens. Para Hall (2016), a linguagem representa o conceito de algo que estava em nossos pensamentos, por exemplo um copo, um livro, uma colher e toda a infinidade de coisas que nos rodeiam. Desta forma, o conceito sobre algo, presente em nossa mente pode ser representado pela linguagem. Ou seja, a representação produz os significados dos conceitos que se materializam pela linguagem:

[...] E aqui é onde a representação aparece: ela é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo “real” dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios (p. 34).

Para Hall (2016), uma das formas de reconhecimento de um grupo pertencente à mesma cultura é o compartilhamento dos mesmos mapas conceituais e da semelhança na interpretação entre aquilo que ocorre em sua volta. Em Belém do Pará, cidade da Região Norte do Brasil, na região amazônica, ao observarem placas vermelhas sinalizadas em frente a algumas casas como se fossem bandeiras (figura 1), mesmo de longe, os moradores de alguns bairros já compreendem que naquele local é um ponto de venda de açaí, tendo em vista a conceituação mental e a representação que foi construída social e historicamente pelos olhares daquele grupo social. Isto é o que Hall (2016), concebe como sendo uma cultura de sentidos compartilhada no mundo social que é habitado pelas pessoas em questão.

Figura 1 - Placa de açaí



Fonte: Belém.com.br

Autor: Fernando Sette (Agência Belém)

Este mapa conceitual presente na mente humana, é traduzido por meio de uma linguagem comum: “para que assim correlacionemos nossos conceitos e ideias com certas palavras escritas, sons pronunciados ou imagens visuais” (HALL, 2016, p. 37). A essas imagens, sons e pronunciados dotados de sentido se atribui o nome de signo: “Os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura” (HALL, 2016, p. 37).

É neste sentido que as inquietações do autor, estão relacionadas à forma como as pessoas negras têm sido vistas e representadas ao longo dos anos de acordo com uma perspectiva supremacista branca. Na qual, ocorre a permanência de estereótipos racistas que influenciam de maneira negativa as vidas negras, pois no imaginário das pessoas brancas, com base na objetificação e coisificação do corpo negro, foi criado um conceito mental (representacional) do que é ser negro. E quando uma pessoa branca, se depara com uma pessoa negra, aciona automaticamente aquela construção mental elaborada sobre corpos negros.

O autor aponta que a partir de questões que envolvem a representação foi sendo marcada a diferença racial, e estabelecido o “Outro” racializado na perspectiva do

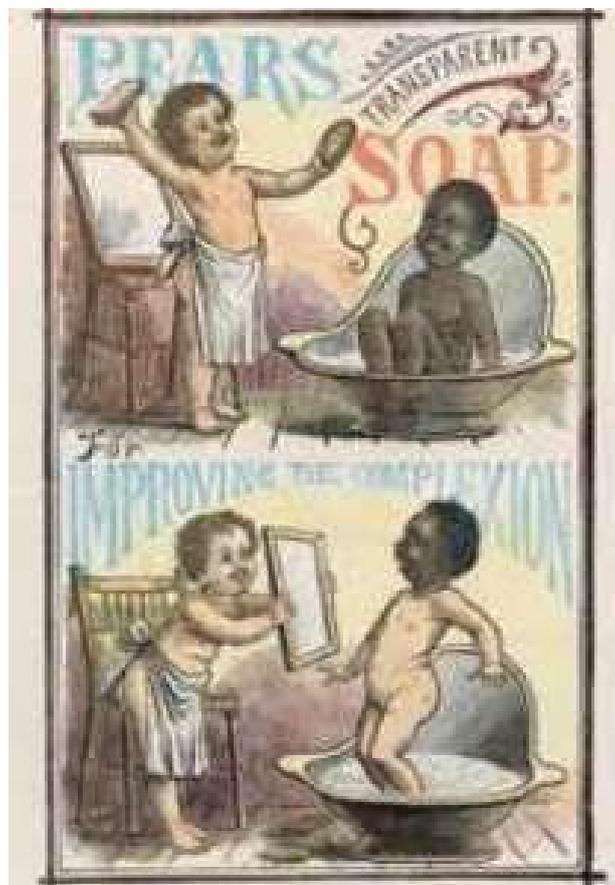
mundo ocidental. Deste modo, ele aponta três momentos importantes para pensar a relação do Ocidente com as pessoas negras e os determinantes de diferenciação racial:

a) No século XVI com o contato entre comerciantes europeus e Reinos da África Ocidental b) Na colonização da África e sua "partilha" entre os líderes europeus

c) Migrações pós-Segunda Guerra Mundial do "Terceiro Mundo" para Europa e América do Norte

Para exemplificar essas questões, o autor nos traz a discussão sobre os anúncios de Sabão Pears Soap (figura 2) do século XIX; é um exemplo das construções imagéticas racistas que associam a ideia do negro à sujeira, não apenas no aspecto da higiene corporal, mas também moral, ética e cultural, ou seja, a totalidade do que envolve a existência negra enquanto algo que necessita ser limpo para a efetivação de um mundo melhor, para que somente assim o negro se torne humano-branco. Tudo isso exemplifica como através desses anúncios o ocidente seguiu elaborando formas de perpetuação do racismo, baseado na negação da humanidade negra em uma série de estereótipos (HALL, 2016).

Figura 2 - Anúncio de Sabão Pears Soap



Fonte: BBC News Brasil

Autor: Alamy

Na imagem acima, é apresentado um garoto branco com expressão serena, demonstrando saber qual é seu objetivo; neste caso, é o de lavar um garoto negro. A criança branca segura em suas mãos o que parece ser uma esponja e um sabonete. E a criança negra, sentada expressa contentamento e felicidade em sua posição; atrás deles há um espelho e no centro da imagem, o sabonete como símbolo da limpeza, tendo em vista o caráter publicitário da imagem.

Na parte de baixo da imagem, o garoto negro aparece de pé e seu corpo está branco, exceto por sua cabeça que permanece negra. A expressão dele é de surpresa e felicidade ao olhar para o garoto branco que segura um espelho; o garoto branco está inclinado para frente ficando na mesma altura do garoto negro. A cena exemplifica tudo aquilo que os estereótipos racistas impõem sobre corpos negros, a sujeira do ser negro que precisa ser purificada pela brancura. Assim como, as tentativas de apagamento e melhoramento de um grupo étnico-racial.

Esses estereótipos, baseados na ideia do que é construído sobre a significação do corpo negro, através do olhar e mecanismos racistas elaborados pela população branca, também aparecem no relato de Audre Lorde (2019), quando ela narra uma situação na qual está com sua filha em um supermercado: “Empurro minha filha de dois anos dentro de um carrinho de compras em um supermercado de Eastchester, em 1967, e uma menina branca passando por nós no carrinho de sua mãe fala alto, animada: “Olha, mamãe, uma empregada bebê!” (p. 159).

A ideia reforçada pela fala da garota branca reflete justamente a visão de uma sociedade racista que insiste em enxergar corpos de pessoas negras no lugar da servidão. Na leitura imagética da criança branca em questão, a criança negra é lida como a empregada, aquela que está para servir a seus caprichos e limpar as sujeiras, uma “empregada bebê”, é uma tentativa de fixar a imagem negra neste lugar da subalternidade. Tendo em vista, o lugar que as mulheres negras estão submetidas no imaginário da sociedade. O exercício aqui é refletir sobre quais são as imagens sobre o ser negro que permeiam o imaginário social. Os impactos dessas imagens e a representação de pessoas negras, Angela Davis (2018), observa que:

[...] Há também o impacto na psique, e é aí que entra a persistência dos estereótipos. Os modos como, ao longo de um período de décadas e séculos, as pessoas negras vêm sendo desumanizadas, ou seja, representadas como menos do que humanas e, portanto, o caráter político da maneira como a população negra é retratada por meio da mídia, por meio de outras formas de comunicação, que entra em jogo nas interações sociais, tem igualado pessoas

negras a pessoas criminosas. Então, não é difícil entender como esses estereótipos persistem por tanto tempo (p. 45).

A partir da reflexão da autora, podemos compreender o caráter intencional e planejado da criação dos estereótipos racistas que perseguem o povo preto por tanto tempo, servindo para aprisionar a psique da negritude no lugar da subalternidade e do ser menos. Para Hall (2016), o estereótipo atua justamente na simplificação e redução, na qual o sujeito é fixado a determinadas características, ou seja, dentro do que o autor denomina como “regime de representação”, ao grupo estereotipado é permitido ser além daquilo que foi determinado. Pois:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o "pertencente" e o que não pertence ou é o "Outro", entre "pessoas de dentro" (insiders) e "forasteiros" (outsiders), entre nós e eles (p. 192).

Desta forma, essas diferenciações criadas pelo regime de representação e os estereótipos, causa uma série de danos à população negra. É neste sentido que o Instituto Amma Psique e Negritude (2008) destaca o sentimento de inferioridade e não pertencimento à categoria de humanos como efeitos nefastos do racismo e que influenciam diretamente a saúde da população negra. A exposição diária a essas situações constrangedoras: “causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, autocensura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros” (INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE, 2008, p. 11).

Essa questão do impacto do racismo na psique negra, pode ser percebido no livro *Eu sei por que o passáro cantou na gaiola*, de Maya Angelou (2018), quando a autora narra como ela e sua comunidade negra escutavam apreensivos através do rádio a luta do lutador negro Joe Louis contra um branco:

Minha raça gemeu. Era nosso povo caindo. Era outro linchamento, mais um Negro enforcado em uma árvore. Mais uma mulher emboscada e estuprada. Um garoto negro chicoteado e ferido. Eram cachorros na trilha de um homem correndo por pântanos gosmentos. Era uma mulher branca estapeando a empregada por ser esquecida. (ANGELOU, 2019, p. 162).

O que o lutador Joe Louis representava para Maya Angelou e às outras pessoas negras estava além de ser um lutador, ele representava todo um povo oprimido pela branquidade racista que através dos mecanismos de uma sociedade opressora,

autoritária e colonial, ridicularizam, violetam e exterminam o povo negro fisicamente e psicologicamente.

[...] Se Joe perdesse, estaríamos de volta à escravidão, sem chance de ajuda. Seria tudo verdade, as acusações de que éramos do tipo mais baixo de ser humano. Só um pouco acima dos macacos. Seria verdade que éramos burros e feios e preguiçosos e sujos e sem sorte e, pior de tudo, que o Próprio Deus nos odiava e nos mandava ser carregadores de madeira e coletores de água para sempre, sem nunca ter fim. (ANGELOU, 2019, p. 162).

É possível relacionar tudo isso exatamente ao que Frantz Fanon (2008), afirma sobre ser apontado: “Mãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer” (FANON, 2008, p. 106). Neste momento o autor entende o corpo negro que existe em triplo e nos diz: “Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meu ancestrais” (FANON, 2008, p. 108). As dinâmicas coloniais operam no caráter da retirada da humanidade de negros e negras, pois o racismo é uma violência que atua de inúmeras formas, uma delas é a de marcar a vida de pessoas negras em constantes constrangimentos.

Outro mecanismo criado para manutenção das estruturas racistas em seu caráter representacional, é exemplificado por Jacques Adesky (1997), quando reflete sobre a representação negra no espaço público. O autor constata que essa invisibilidade negra nas estátuas, bustos e chafarizes é uma forma de alienar e desterritorializar a negritude, e tudo isso, não se dá por acaso, pois são frutos de relações de poder e dominação.

É interessante refletir sobre essa proposição do autor, uma vez que em nossa sociedade as representações imagéticas rodeiam o nosso cotidiano. Os seres humanos há muito tempo seguem construindo através das visualidades essas representações sociais, culturais e históricas. Sendo assim, ao pensarmos nas cidades e nas praças, nos nomes das ruas, nos monumentos, esculturas no espaço público, a história de qual povo está sendo evidenciada? Mesmo em um país de múltiplos povos, culturas e cosmopercepções, no espaço público, ainda há a predominância de representações dos invasores, ditos “colonizadores”, homens e mulheres brancos europeus.

É preciso evidenciar que, as relações entre imagem, representação, olhar e ser visto, são políticas. bell hooks (2019), nos fala que durante a escravidão as pessoas negras escravizadas eram punidas por olharem para os brancos enquanto estavam servindo: “As políticas de escravidão, das relações de poder racializadas, era um tais que os escravizados foram privados de seu direito de olhar” (HOOKS, 2019, p. 215).

Para a autora essa era uma forma de objetificar os negros escravizados, pois desta maneira os brancos buscavam com que eles não fossem capazes de ver e reconhecer a realidade; negando a subjetividade e os enclausurando no lugar de invisível.

No documentário *Orí* dirigido por Gerber (1989), a historiadora Beatriz Nascimento aborda que um dos impactos da escravidão, com a mercantilização de corpos de pessoas negras na experiência de exílio, estava a perda da imagem, na tentativa de aniquilamento do ser. Não é à toa que no documentário uma das falas de Beatriz Nascimento aborda que o grande drama enfrentado na vida de pessoas negras é a busca por reconhecimento como ser humano, visto que é a história de um país que nunca o considerou como tal.

James Baldwin (2020) aborda que com o tempo houve mudanças no rosto do negro e que as tentativas de torná-lo branco foram fracassadas. Sendo assim, as ações da branquidade atuam no sentido de, “fazer dele uma página em branco, já que ele não pode virar um rosto branco” (BALDWIN, 2020, p. 52). E transformar o negro em uma página em branco é o que a psicóloga Neusa Santos Souza (2021), irá definir como a construção de uma imagem alienada que ensina a pessoa negra a ser uma caricatura do branco.

O documentário *Coded Bias* (2020), dirigido por Shalini Kantayya, apresenta como as tecnologias de Inteligência Artificial e de reconhecimento facial vem sendo utilizadas por empresas e governantes como formas de perpetuar uma série de discriminações e exclusões, dentre elas o racismo. A pesquisadora Joy Buolamwini, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts narra sua experiência na disciplina de Fabricação Científica, onde começou a desenvolver uma espécie de espelho inspirador, o “Espelho Aspire”.

Esse espelho projetaria em seu rosto figuras humanas e não humanas que a pesquisadora considera como inspiradoras. O funcionamento desta tecnologia se daria por meio de uma câmera de computador e um software de visão computacional que iria detectar o rosto dela. Porém, no decorrer do desenvolvimento do projeto o software não detectava seu rosto (Figura 3).

Figura 3 - Face não detectada



Fonte: Netflix

Ela decidiu colocar uma máscara branca em seu rosto e quando se posicionou em frente à câmera finalmente houve o reconhecimento (Figura 4).

Figura 4 - Face detectada



Fonte: Netflix

Com isso, fica perceptível a atuação do racismo e seu impacto no meio tecnológico, pois o não reconhecimento do rosto de Joy Buolomwini pelo *software* possui um peso simbólico sobre a permanência de negação da existência negra no mundo a partir do desenvolvimento das tecnologias de reconhecimento facial nas quais o rosto de uma pessoa com a pele negra não é reconhecido como humano, mas uma máscara branca sim.

Com base nisso, é possível apontar que a luta da negritude para não se tornar uma página em branco se evidencia pela recuperação das imagens “de África, das várias Áfricas e de si mesmo” (RATTS, 2006, p. 66). Neste sentido, é necessário romper com as lógicas supremacistas brancas estabelecidas sobre o povo negro. Desta forma, construir outras possibilidades para identidade negra. Assim como Neusa Santos Souza (2021) afirma:

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (p. 115).

Partindo desta reflexão sobre a imagem e o olhar do negro sobre si mesmo e o mundo ao seu redor, bell hooks (2019) traz memórias de sua infância, quando nas punições que recebia dos adultos por encarar, pelas olhadas diretas que destinava aos adultos e eram interpretadas como uma forma de confrontá-los, porém ao ser punida os adultos exigiam que ela olhasse: “Olhe para mim quando falo com você” (HOOKS, 2019, p. 215). E a partir dessas reflexões bell hooks (2019), afirma que o olhar político sempre esteve presente em sua vida. Utilizando como base essas reflexões é possível entender o poder do olhar para o povo negro. Discutir e refletir sobre as imagens e as representações da negritude são um dos caminhos para romper com os processos de alienação, aprisionamento e dominação que impedem o povo negro de ter um rosto próprio (SOUZA, 2021).

Audre Lorde (2019), também relembra a infância para discutir a respeito das dinâmicas do que envolve o olhar. Para ela, ser uma criança negra, influenciava diretamente na forma como os adultos a olhavam, tudo isso a fez pensar que havia algo muito errado com ela. Nestes olhares brancos destinados a ela, via a exclusão, aversão e o desejo pela sua morte. A autora narra um episódio de quando tinha apenas cinco anos e estava no metrô com a mãe, foi quando percebeu o impacto do racismo em sua vida; atravessada pela relação do olhar de uma pessoa branca sobre uma pessoa negra:

Linha AA do metrô para o Harlem. Agarro minha mãe pela manga da blusa, os braços dela cheios de sacolas de compras, o peso do Natal. O cheiro molhado das roupas de inverno, o chacoalhar do trem. Minha mãe enxerga um espaço entre dois assentos e empurra meu corpo franzino e agasalhado para que eu me sente. De um lado, um homem lê um jornal. Do outro, uma mulher com um chapéu de pele me encara. Ela contorce a boca enquanto me

encara, depois baixa os olhos, levando junto o meu olhar. A mão, em luva de couro, toca o ponto em que se encostam minha calça azul nova e seu casaco de pele, felpudo e macio. Ela puxa o casaco para si com um solavanco. Eu observo. Não entendo o que ela vê de tão horrível entre nós no assento talvez uma barata. Mas me transmitiu seu horror. Pelo jeito como olha, deve ser algo muito ruim, então eu também puxo meu casaco. Quando levanto a cabeça, a mulher ainda me olha, as narinas dilatadas, os olhos arregalados. De repente, percebo que não há nada rastejando entre nós; é em mim que ela não quer que o casaco encoste [...] (p. 189).

A autora ainda criança sente o ódio na atitude e no olhar da mulher que a encara, o fato de não saber nomear pelo que estava passando faz com que se sinta culpada, tudo isso trouxe dor e sofrimento: “Se eu fosse crescida, eu provavelmente teria rido, rosnado ou ficado magoada, por entender a situação pelo que ela é de fato” (LORDE, 2019, p. 220).

É possível relacionar o relato da violência racista sofrida por Audre Lorde com aquilo que bell hooks (2022), nos fala sobre o medo que as pessoas negras têm do terrorismo e da violência racial providas de pessoas brancas, é a ideia de terror e crueldade que vai sendo construído desde muito cedo no imaginário de pessoas negras no contato com o mundo branco, tendo em vista situações constantes de violações racistas contra corpos negros desde muito cedo. Com base em todas essas violências e a relação entre as imagens, o ver e o ser visto, Hall (2016) nos lança as seguintes indagações:

[...] Será que um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado? Quais contraestratégias podem começar a subverter o processo de representação? Será que as formas "negativas" de representação da diferença racial, que sobejam em nossos exemplos, podem ser revertidas por uma estratégia "positiva"? Existem estratégias eficazes? Quais são seus fundamentos teóricos? (p. 211).

Hall (2016) nos fala justamente sobre desafiar, contestar e modificar o regime dominante de representação, nos convidando a pensar em contraestratégias, tendo em vista o fato de que o significado nunca pode ser fixado:

Em última análise, entretanto, o significado começa a escorregar e deslizar. Começa a derrapar, ser arrancado ou redirecionado. Novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas [...] (p. 211).

Baseada nessas relações entre a política e o olhar, e com o intuito de pensar nessas contraestratégias que nos fala Stuart Hall (2016). bell hooks (2019) conceituou o Olhar opoissor de pessoas negras, quando observam criticamente a forma hostil que a supremacia branca representa pessoas negras. E a partir disso, constroem outras possibilidades de representações negras. Para ela, é importante a seguinte posição: “Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade” (HOOKS, 2019, p. 216).

A autora aborda que quando a maioria das pessoas negras nos Estados Unidos tiveram a oportunidade de assistir filmes e televisão elas estavam: “consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca” (HOOKS, 2019, p. 217). Para ela, os negros ao entrarem em contato com essas imagens automaticamente estavam envolvidos em uma negação da representação negra e o foi olhar opoissor desse público negro que possibilitou a criação do cinema negro independente.

Deste modo, nos vemos enquanto população negra, diante deste desafio de ir além das representações que afetam diretamente o caráter humano de nossas existências, além disso compreendemos o mundo imagético e representacional como um território de constantes disputas, pois percebemos as articulações intencionais da população branca – com o intuito de alienação e dominação do povo negro através de suas representações fragmentadas, racistas e estereotipadas.

## **Considerações finais**

Neste trabalho, ao trazer as confluências de minhas memórias da infância e adolescência para discussão sobre as questões referentes às imagens e representações da população negra no mundo contemporâneo, percebo que o racismo possui diversas formas de dominação. Na qual, o mundo imagético e o imaginário criado através dos meios de comunicação, artes visuais, propagandas, filmes, novelas, séries, redes sociais e muitos outros meios que possuem as imagens enquanto centralidade são lugares de intensa disputas, considerando o poder das imagens em nossa sociedade.

Sendo assim, essas representações racistas e estereotipadas sobre os nossos corpos, podem ser denominadas como políticas imagéticas e representacionais que buscam constante a destruição da humanidade negra. Assim como, uma estratégia da sistemática racista para dominação, alienação e adoecimento físico e psíquico de

peças negras, ou seja, o racismo com seus tentáculos no mundo imagético e representacional tem sido um espaço que também visa o genocídio da população negra.

Por isso, há necessidade de fortalecimento e constante criação das contraestratégias de representação que nos fala Stuart Hall (2016), assim como Olhar opositor de bell hooks (2019). É importante o comprometimento com a emancipação, liberdade e autonomia da população negra, no sentido de criar um constantes desgaste e ruptura com os tentáculos de representações que buscam a aniquilação do ser negro no mundo contemporâneo.

Desta forma, considero a importância de construir, mergulhar e retomar às reflexões e ações sobre as questões que envolvem a imagem e a representação negra no mundo contemporâneo em diferentes territórios, contextos políticos, culturais e sociais. Assim como, os impactos diretos que as imagens e representações possuem nas relações cotidianas, na psique e na existência de pessoas negras. Sendo assim, ao trazer esses debates e reflexões, é possível compreender de forma mais ampla estes fenômenos, e a partir disso, criar estratégias e possibilidades para manutenção das vidas negras.

## **Referências bibliográficas**

ADESKY, Jacques. **Acesso diferenciado dos modos de representação afro-brasileira no espaço público**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 25, 1997.

ALMEIDA, Hermógenes. **Oríkis: canções de rebeldia, poemas de paixão**. Rio de Janeiro: Graflina Editora Ltda, 1998.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFPA\\_ab623cb7f8751e18b80c3134841baee8](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFPA_ab623cb7f8751e18b80c3134841baee8). Acesso em: 27/01/2023.

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro e cantou na gaiola**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.

BALDWIN, James. **Notas de um filho nativo**. (Tradução; Paulo Henriques Britto). 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra quer, a terra dá**. Imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CODED BIAS. Direção: Shalini Kantayya. Produção de Shalini Kantayya. **Netflix**, 2020. 90min.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154 p.

GERBER, Raquel (Dir.) (1989) **Ori**. São Paulo, Angra Filmes. 90 min.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo:Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. Tradução de Jesus Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

HURLEY, Jorge. **Nos Sertões do Gurupy**. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1928.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Psique e negritude: os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. In.: **Ítaca. Especial** Filosofia Africana. n.o 36. Rio de Janeiro, UFRJ, 2020. p. 164-226.  
Disponível em:  
<<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895>> . Acesso em: 29 jun. 2021.  
SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro emascença social**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SILVA, Ana P. P. da; ALMEIDA, Magali da S. Uma mulher negra com nome e sobrenome: Benedita Sousa da Silva Sampaio. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 46, p. 278-283, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/52021/34476> . Acesso em: 30 de jan. 2022.